

# OBSESSÃO E EXORCISMO

Eliseu Mota Júnior – [motajunior@uol.com.br](mailto:motajunior@uol.com.br)

**O** **Exorcista**, produção cinematográfica que teve enorme sucesso na década passada, até hoje suscita polêmicas variadas tanto em relação ao tema tratado na película, quanto pelo impacto que provoca nos espectadores, por causa do enredo e das cenas impressionantes, envolvendo uma adolescente que é vítima de um caso evidente de obsessão, mas que no filme é tratado como *possessão diabólica*.

A família da garota, depois de muito sofrimento, resolve apelar para o exorcismo, ou seja, pede a intervenção de um clérigo que já possui a ordem de realizar orações e cerimônias religiosas destinadas a esconjurar o demônio e os maus espíritos, segundo as regras do catolicismo, seguindo-se o desenvolvimento do trabalho do padre exorcista contra as *forças demoníacas*, com o emprego de cruzes e amuletos para intimidar o tinoso, culminando com um final dramático.

Pois bem, depois de muitos anos do lançamento daquele filme, a imprensa noticiou agora que o seu enredo foi baseado em fatos reais, revelando também que aquela produção provocou danos irreparáveis para a saúde de muitas pessoas, atingindo a própria atriz Linda Blair, que interpretou a personagem central.

Diante disso, surgiram novas discussões e são levantadas dúvidas acerca da eficácia do exorcismo no tratamento da chamada *possessão*, valendo consignar que aquela prática religiosa, de origem eminentemente católica, também está sendo usada pelas várias seitas evangélicas, funcionando como uma espécie de panacéia no combate a todos os males atribuídos ao demônio e seus auxiliares, muitas vezes confundindo casos evidentes de loucura patológica com obsessão e vice-versa, provocando o agravamento das condições mentais do paciente.

**A obsessão e suas espécies** — Comprovando a sobrevivência da alma após a morte do corpo físico, a existência do mundo espiritual, a origem, a natureza e o destino dos Espíritos, bem como as suas relações com os homens, a Doutrina Espírita fornece elementos importantes tanto para a prevenção da obsessão, quanto para o seu tratamento.

Com efeito, em primeiro lugar é bom recordar com base nas lições de Allan Kardec, que a obsessão como gênero, consiste na ação persistente de um Espírito imperfeito sobre uma pessoa, apresentando como espécies a *obsessão simples*, a *fascinação* e a *subjugação*.

A *obsessão simples* ocorre quando um Espírito imperfeito aproxima-se de uma pessoa, atraído exatamente pela natureza dos seus pensamentos, passando então a um assédio constante sobre ela, que logo reconhece as sugestões desagradáveis que lhe são feitas na intimidade do seu cérebro.

Por seu turno, a *fascinação* apresenta inconvenientes mais graves e perigosos, na medida em que se manifesta através de uma ilusão produzida pelo Espírito obsessivo diretamente sobre o pensamento do fascinado, inspirando-lhe comportamentos inadequados, sugerindo-lhe fantasias que muitas vezes o levam a expor-se ao ridículo e, para evitar que se cure, procura afastá-lo das pessoas que poderiam abrir-lhe os olhos.

Finalmente, na *subjugação* o Espírito praticamente anula a vontade do paciente, que passa então ao seu *jugo moral* ou *corporal*. No primeiro caso (subjugação moral), “o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é

uma como fascinação. No segundo caso (subjugação corporal), o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários.”<sup>1</sup>

Deve-se atentar para o fato de que não falamos em *possessão*, porque, de acordo com a explicação de Allan Kardec, esse termo é inadequado por dois motivos: “primeiro, porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, enquanto que não há senão seres mais ou menos imperfeitos, os quais todos podem melhorar-se; segundo, porque implica igualmente a idéia do apoderamento de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, ao passo que o que há é apenas constrangimento. A palavra *subjugação* exprime perfeitamente a idéia. Assim, para nós, não há *possessos*, no sentido vulgar do termo, há somente *obsidiados*, *subjugados* e *fascinados*.”<sup>2</sup>

**Distinção entre obsessão e loucura** — Por causa da impressionante semelhança de sintomas entre elas, nem sempre é possível distinguir a obsessão da loucura patológica, sobretudo na espécie obsessiva denominada subjugação. Entretanto, sempre com base nas preciosas lições de Allan Kardec, tentaremos encontrar subsídios que nos permitam separar uma da outra, o que pode facilitar o tratamento de ambas.

De acordo com o entendimento de Allan Kardec, a *loucura patológica* “é produzida por uma desordem nos órgãos da manifestação do pensamento. Notemos que, nesse estado de coisas, não é o Espírito que é louco: ele conserva a plenitude de suas faculdades, como o demonstra a observação; apenas estando desorganizado o instrumento de que se serve para se manifestar, o pensamento ou, melhor dito, a expressão do pensamento é incoerente.

---

<sup>1</sup> Allan KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, pág. 300.

<sup>2</sup> Idem, pág. 301.

“Na loucura obsessional não há lesão orgânica. É o próprio Espírito que se acha afetado pela subjugação de um Espírito estranho que o domina e comanda. No primeiro caso é preciso curar o órgão doente; no segundo basta livrar o Espírito doente do hóspede importuno, a fim de lhe restituir a liberdade. Casos semelhantes são muito freqüentes e comumente tomam como loucura o que não passa de obsessão, para a qual deveriam empregar-se meios morais e não duchas. Pelo tratamento físico, e sobretudo pelo contacto dos verdadeiros alienados, muitas vezes têm sido determinada uma verdadeira loucura onde esta não existia.”<sup>3</sup>

**A ineficácia do exorcismo** — De acordo com essas regras e diante de um caso de anomalia psíquica ou de distúrbios do comportamento, a primeira tarefa será identificar se os sintomas configuram loucura patológica ou obsessão.

Feita esta distinção, é evidente que o tratamento da loucura patológica deverá ser entregue à medicina psiquiátrica, enquanto que a obsessão deverá ser combatida através dos métodos preconizados pela Doutrina Espírita, evitando-se, a todo custo, o emprego de fórmulas exorcistas, que, como veremos em seguida, são absolutamente ineficazes em ambos os casos.

Com efeito, utilizar o exorcismo para combater a loucura patológica será outra loucura, porque o louco, privado de seu juízo perfeito, não irá tirar o menor proveito de fórmulas religiosas supostamente destinadas a expulsar o demônio, quando na realidade ele necessita é de tratamento psiquiátrico especializado.

Por outro lado, se o caso for realmente de obsessão, quando o paciente está sob a ação perseverante de um ou mais Espíritos imperfeitos, eles se riem e obstinam quando vêem alguém tomar a sério o exorcismo, com o emprego de crucifixos, turíbulos, frases latinas como *vade retro* e outras práticas desse tipo.

---

<sup>3</sup> Allan KARDEC, *Revista Espírita*, abril de 1862.

E por que razão os meios espirituais empregados pela Igreja não são eficazes? Allan Kardec responde:

“A Igreja acredita nos demônios, isto é, numa categoria de seres de uma natureza perversa e votados eternamente ao mal, por isso mesmo imperfectíveis. Com esta idéia ela não procura melhorá-los. Ao contrário, o Espiritismo reconheceu que o mundo invisível é composto de almas ou Espíritos dos homens que viveram na terra e que, após a morte, povoam o espaço; nesses números há bons e maus, como entre os homens; dos que se compraziam, em vida, em fazer o mal, muitos se comprazem ainda, após a morte. Mas, por isto mesmo que pertencem à humanidade, estão submetidos à lei do progresso e se podem melhorar. Não são, pois, demônios, no sentido da Igreja, mas Espíritos imperfeitos.”<sup>4</sup>

Diante disso, fracassam todas as práticas exorcistas no tratamento da obsessão, que deve receber a terapia indicada pelo Espiritismo, como veremos.

**Prevenindo a obsessão** — Nas obras básicas da codificação, especialmente em *O Livro dos Médiuns*, na *Revista Espírita* e na literatura posterior a elas muito foi — e continua sendo — escrito sobre a obsessão e o seu tratamento.

Entretanto, como é muito *melhor prevenir do que remediar*, gostaríamos de recordar aqui uma comparação atribuída ao Dr. Elias Barbosa, ilustre psiquiatra espírita de Uberaba, a qual, a despeito de muito simples, poderá ser de extrema utilidade como instrumento preventivo da obsessão.

De acordo com essa lição, na *obsessão simples* o Espírito obsessor lança “linhas” para o obsediado, que são aquelas sugestões desagradáveis manifestadas através de idéias e pensamentos dos quais a pessoa se julgava livre e que não obstante ainda fazem parte do seu cotidiano neste orbe de expiação e provas.

---

<sup>4</sup> Allan KARDEC, *Revista Espírita*, Agosto de 1864.

A terapia nesse caso consiste em arrebentar constantemente essas “linhas”, afastando as sugestões e idéias maléficas, pois se por acaso a pessoa segurar uma “linha”, o obsessor a substitui por uma “corda”, que é a *fascinação*, usando até máscaras para suscitar falsos aspectos de virtude que somente o *fascinado* não percebe, valendo ressaltar que o obsessor inspira sua vítima para afastar-se de quem poderia ajudá-la a livrar-se desse assédio nefasto.

Mas o pior acontece quando o fascinado entrega-se ao império do seu algoz, e o obsessor então retira a “corda” e prende o obsediado com uma “corrente”, que é a *subjugação*, cujo tratamento poderá exigir muita paciência e perseverança, devendo-se então seguir a orientação contida nas obras básicas e na literatura específica sobre o tema.

**Conclusão** — Procuramos demonstrar, ao longo deste trabalho, que as fórmulas exorcistas nenhum efeito produzem no combate à obsessão, porque ela não é o resultado da ação de “demônios”, assim considerados pelas religiões os seres criados para a prática do mal sem condições de progredir, pois, de acordo com essa crença, eles serão eternamente maus.

Recordamos também que, na verdade, esses “demônios” são Espíritos ainda imperfeitos, porém perfectíveis, ou seja, passíveis de desenvolvimento moral e intelectual, de modo que, quando assediam uma pessoa e estabelecem as várias modalidades obsessivas, devem se tratados juntamente com a vítima, evitando-se que alguns casos de obsessão venham a converter-se em loucura patológica.

E para encerrar, gostaríamos de evocar uma vez mais o insuperável mestre Allan Kardec, quando asseverou o seguinte:

“Abrindo novos horizontes a todas as ciências, o Espiritismo vem, também, esclarecer a questão muito obscura das doenças mentais, assinalando uma causa que, até agora, não era levada em conta: causa real, evidente, provada pela

experiência e cuja verdade mais tarde será reconhecida. Mas como levar a admitir-se tal causa pelos que estão sempre dispostos a mandar para o hospício quem quer que tenha a fraqueza de acreditar que temos alma e que esta representa um papel nas funções vitais, sobrevive ao corpo e pode atuar sobre os vivos? Graças a Deus, e para o bem da humanidade, as idéias espíritas fazem maior progresso entre os médicos do que era dado esperar e tudo leva a crer que, em futuro não muito remoto, a medicina sairá enfim da rotina materialista.”<sup>5</sup>

— 0 —

Nota. A presente pesquisa foi realizada nas seguintes obras:

**KARDEC**, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 50ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1984, Trad. Guillon Ribeiro, p. 250-252 (Possessos).

———. *O Livro dos Médiuns*. 59ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1984, Trad. Guillon Ribeiro, p. 300-301.

———. *Revista Espírita - Jornal de estudos psicológicos*. São Paulo, Edicel, s/d, Trad. Júlio Abreu Filho, Abril de 1862 e Agosto de 1864.

— 0 —

*(Coluna originalmente publicada na Revista Internacional do Espiritismo, Dezembro de 1998)*

---

<sup>5</sup> Allan KARDEC, *Revista Espírita*, Abril de 1862.